

BOLETIM DA



aepet

ASSOCIAÇÃO DOS  
ENGENHEIROS  
DA PETROBRASJANEIRO DE 1998  
Nº 147

## Posse na AEPET repercute na imprensa

Jornal do Commercio - Terça-feira, 27.01.98 - pág: A5

# Posse na Aepet vira ato em defesa do monopólio estatal

*Políticos e engenheiros pregam, em discursos, volta ao sistema antigo*

RICARDO REGO MONTEIRO

**A** cerimônia de posse do novo presidente da Associação dos Engenheiros da Petrobras (Aepet), Ricardo Maranhão, transformou-se em ato contra a abertura do setor petrolífero brasileiro à concorrência estrangeira. Com a presença de deputados federais, senadores e ex-ministros, a cerimônia foi marcada pelas críticas ao novo modelo de agências reguladoras e pela divulgação da carta da Aepet em resposta ao presidente da Agência Nacional de Petróleo (ANP), David Zylbersztajn - que tem regularmente criticado o caráter monopolista da Petrobras.

Antes da cerimônia, o presidente nacional do PMDB, deputado Paes de Andrade (PMDB-CE), garantiu que a Executiva Nacional do partido não tem poderes para destituí-lo da função de presidente, conforme veiculado na imprensa durante o fim de semana. O deputado afirmou que a convenção extraordinária do dia 8 de março terá pauta única, cujo objetivo será decidir se o partido disputará as eleições presidenciais com candidato único ou coligado.

**ARTICULAÇÃO.** Ricardo Maranhão afirmou que articulará, juntamente com entidades representativas da sociedade civil, a reimplantação do monopólio do setor. O dirigente justificou, para a Iniciativa, que o processo de abertura redundará em aumento generalizado dos preços dos derivados de petróleo, o que, por si só, prejudicará a população. "Além de ter impacto significativo no Custo Brasil, com o aumento dos preços dos combustíveis, a abertura do setor fará com que os lucros da atividade petrolífera não sejam reinvestidos no País", afirmou.

A partir do próximo ano, apostou Maranhão, o litro de gasolina custará R\$ 1,20 contra os atuais R\$ 0,90. Antes da aprovação da lei que possibilitou a flexibilização do monopólio do setor, lembrou, o litro custava R\$ 0,50. "A Petrobras sempre teve, inclusive, parcerias com a Iniciativa privada nacional e estrangeira. Não essas parcerias intra-muros e sem a devida transparência e fiscalização do Congresso Nacio-



Ricardo Maranhão, o presidente da Aepet

nal", criticou. Sempre se referindo a Zylbersztajn como "o genro de Fernando Henrique", o dirigente criticou o excesso de poderes da ANP. Como antídoto contra os super-poderes da Agência, Maranhão sugeriu que a capacidade da Petrobras de investir nas bacias sedimentares solicitadas à Agência seja avaliada pela comissão de orçamento da Câmara dos Deputados, ao invés da ANP, conforme previsto na nova Lei do Petróleo.

**CRÍTICAS.** A deputada Jandira Feghali (PCdoB-RJ) ratificou as palavras do novo presidente da Aepet, ao criticar o fato de a ANP ser uma instituição que não está passível, por lei, de fiscalização pela sociedade. O senador Roberto Requião (PMDB-PR) qualificou o novo modelo de agências reguladoras, implantado no País, de terceirização do Estado. "O presidente da República e os congressistas podem receber impeachment. Por que a lei não prevê tal possibilidade ao Zylbersztajn, por exemplo?",

questionou Requião.

Além de a aprovação do presidente da ANP não precisar ser submetida ao Congresso Nacional, Jandira criticou, ainda, o fato de, por lei, a escolha precisar do aval do Banco Mundial (Bird). "As agências representam, na prática, um super-poder acima das instituições representativas do Estado, como os poderes Executivo e Legislativo. Em tese, até essas instâncias sofrem fiscalização da sociedade", criticou Jandira.

**TRAMA.** O deputado federal Haroldo Lima (PC do B-BA) qualificou a abertura do setor petrolífero de "trama maléfica contra a nacionalidade brasileira". Além disso, o deputado ironizou a indicação de Zylbersztajn para a presidência da ANP "como mais uma prova de como o presidente Fernando Henrique conduz com desenvoltura as questões familiares". Lima comparou a indicação do genro do presidente ao socorro com recursos do Proer ao Banco Nacional, instituição da família da ex-nora do presidente Fernando Henrique Cardoso.

Com relação ao movimento pela reimplantação do monopólio, Jandira reconheceu as dificuldades de, no momento atual, viabilizar medidas concretas que possibilitem a volta do controle estatal sobre o petróleo. A deputada transferiu a responsabilidade à sociedade, que terá chances de promover mudanças nas eleições de outubro. "Com esse Governo que está aí, é praticamente impossível promovermos tais mudanças", resignou-se a deputada.

Além de Requião, Jandira e Haroldo Lima, compareceram à cerimônia de posse de Ricardo Maranhão os ex-deputados Vivaldo Barbosa e Fernando Sant'anna, o deputado Alexandre Cardoso (PSB-RJ), líder do PSB na Câmara, e os ex-ministros do Governo Itamar Franco Jammil Haddad e Alexandre Dupeyrat - que inclusive leu mensagem de Itamar em apoio a Ricardo Maranhão. O mais aplaudido pelos presentes, porém, foi o presidente da ABI, Barbosa Lima Sobrinho, que, aos 101 anos, lembrou que já escreveu mais de 3 mil artigos, desde 1928, em favor das causas nacionalistas.

O Estado de São Paulo - Terça-Feira, 27.01.98 - pág: B9

## Lançada campanha pela volta do monopólio do petróleo

*Políticos como Itamar Franco, Roberto Requião e Leonel Brizola apóiam movimento e atacam FTIC*

IRANY TEREZA

**R**IO — Uma campanha pela volta do monopólio do petróleo foi lançada ontem, durante a posse da nova diretoria da Associação dos Engenheiros da Petrobrás (Aepet). O movimento contou com o apoio de políticos que votaram contra a quebra do monopólio no Congresso, como o presidente do PMDB, deputado Paes de Andrade, e os deputados federais Jandira Feghali (PC do B-RJ) e Alexandre Cardoso (PSB). O presidente da Academia Brasileira de Imprensa (ABI), Barbosa Lima Sobrinho, o ex-presidente Itamar Franco e o presidente do PDT, Leonel Brizola, também apoiaram a campanha.

"Quem deve avaliar se a Petrobrás tem ou não capacidade financeira para atuar nos campos que a empresa requereu é o Congresso e não burocratas de quinta categoria", disse Ricardo Maranhão, que

assumiu ontem a presidência da Aepet, referindo-se aos diretores da Agência Nacional de Petróleo (ANP). Ele disse ter enviado uma carta ao presidente da agência, David Zylbersztajn, protestando contra seu discurso de posse, quando ele afirmou que a sociedade brasileira "quer mais óleo e menos monopólio". "Foram declarações precipitadas, injustas e preconceituosas contra a Petrobrás", atacou Maranhão.

Para o senador Roberto Requião (PMDB-PR), o retorno do monopólio ainda é possível, mas vai depender do resultado das eleições de outubro. Postulante à candidatura à Presidência pelo PMDB, Requião disse que o movimento "demora oito meses" para acontecer de fato. "Quando Zylbersztajn disse 'o petróleo é vosso', ele quis dizer que o petróleo é deles, dos estrangeiros", disse o senador. Com dis-



Requião: "O petróleo é deles"

curso já de candidato, ele criticou também a escolha do presidente Fernando Henrique Cardoso para a direção da ANP. "O processo de privatização da Petrobrás já se iniciou com clareza e por isso Fernando Henrique escolheu o genro querido para a ANP."

Tribuna da Imprensa - Terça-Feira, 27.01.98 - pág: 2.

## Posse na Aepet vira ato em defesa da Petrobras

A defesa intransigente da Petrobras e uma guerra total ao governo Fernando Henrique Cardoso marcaram, ontem, no Rio, a posse da nova Diretoria da Associação dos Engenheiros da Petrobrás (Aepet), tendo à frente Ricardo Moura de Albuquerque Maranhão.

O presidente da ABI, Barbosa Lima Sobrinho, contou que já na época em que concorreu à vice-presidência da República, na chapa encabeçada por Ulysses Guimarães, o tio de Fernando Henrique

Cardoso, general Felicíssimo Cardoso, lhe dissera: "o meu sobrinho não merece confiança".

O senador Roberto Requião (PMDB-PR) denunciou a vaidade de Fernando Henrique que, ao nomear, como presidente da Agência Nacional de Petróleo (ANP) o genro David Zylbersztajn, deu início à privatização da Petrobras. Para Requião, o processo pode ser revertido agora. "Mas agora é daqui a oito meses, quando derrotarmos FHC nas eleições", explicou.

O ex-presidente Itamar Fran-

co não compareceu, mas mandou uma mensagem lida por Alexandre Duperat (seu ministro da Justiça). Num trecho, ele afirma: "As riquezas naturais do Brasil pertencem à comunidade nacional e só em proveito dela devem ser exploradas".

O novo presidente da Aepet denunciou o crime de lesa-pátria de David Zylbersztajn, ao colocar em dúvida a capacidade tecnológica da Petrobras, quando empresas estrangeiras a reconhecem como uma das melhores do

mundo. "Ou é desconhecimento do setor ou ele pratica um sofisma com propósitos inconfessáveis", garantiu.

Maranhão denunciou o governo FHC por vários motivos, como desnacionalizar a economia, promover uma abertura econômica indiscriminada, sacrificando a agricultura, indústria, comércio e serviços, além do processo selvagem de privatizações, causando desemprego em massa (30 mil ferroviários e 12 mil metalúrgicos da Companhia Siderúrgica Nacional).

## Zylbersztajn é alvo de ato político

A posse do engenheiro Ricardo Maranhão na presidência da Associação dos Engenheiros da Petrobrás (Aepet) foi marcada ontem por protestos à nomeação do engenheiro David Zylbersztajn, genro do presidente Fernando Henrique Cardoso, para presidir a Agência Nacional de Petróleo (ANP).

O presidente da Associação Brasileira de Imprensa, Barbosa Lima Sobrinho, que presidiu a cerimônia e completou 101 anos de idade no último dia 22, emocionou a platéia lotada do auditório do Clube de Engenharia ao afirmar que "a Petrobrás é um patrimônio da Nação" e, por isso, não deveria ser alvo das críticas de Zylbersztajn.

Barbosa Lima Sobrinho foi aplaudido de pé pelo presidente nacional do PMDB, Paes de Andrade, o ex-ministro Aureliano Chaves e o senador Roberto Requião (PMDB-PR). E a posse acabou por se transformar em ato político contra o primeiro dirigente da ANP.

Jornal da Tarde - Terça-Feira, 27.01.98 - pág: 6A.

## PETRÓLEO

Uma campanha pela reinstalação do monopólio do petróleo foi lançada ontem, mais de seis meses depois de a abertura do setor ter sido aprovada pelo Congresso. O movimento contou com o apoio do presidente da Academia Brasileira de Imprensa, Barbosa Lima Sobrinho, o ex-presidente Itamar Franco e Leonel Brizola, presidente do PDT.